

EDUCADOR

ISSN 1984-8668
Ano XXIX – Nº 114

EDUCADOR é uma revista destinada a educadores religiosos, professores de EBD, estudantes e líderes em geral

Copyright @ Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.) a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36
Registro N° 020830 no INPI

Endereços

Telegráfico – BATISTAS
Caixa Postal: 13333
Rio de Janeiro, RJ – CEP: 20270-972

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenadora Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida
(RP/16897)

Redatora

Jane Esther Monteiro de Souza
de Paula Rosa

Conselho Consultivo

Rosane Andrade Torquato – PR
Madalena de Oliveira Molochenco – SP
Pedro Jorge de Souza Faria – RJ
Ivone Boechat de Oliveira – RJ

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Higino, 416 – Prédio 16
Sala 2 – 1º Andar – Tijuca
Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
conviccao@conviccaoeditora.com.br

Colaboradores desta edição

Diná Freire Cutrim – MA
Gleyds Silva Domingues – PR
Irênio Silveira Chaves – RJ
Jane Esther M. S. de Paula Rosa – RJ
Jason Silva – USA
Mary Rute Gomes Esperandio – PR
Matosalém da Rocha Lopes – PE
Neuralva de Sousa Mota dos Santos – RJ
Taciana Oliveira de Araújo Manguieira – SE
Tânia de Lima Pereira – RJ
Vânia Thomaz Lacerda Costa – MG



Editorial

A importância da Escola Bíblica Dominical nos dias atuais

O tema deste ano da CBB é “Compartilhemos graça e misericórdia” e a divisa: “Graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai, serão convosco em verdade e amor” – 2João 1.3.

Há um jargão entre os cristãos de que uma igreja forte é aquela cujos membros são alunos da EBD. O contrário também é verdadeiro: pouca EBD, pouca força. Nenhuma EBD. Muita gente não sabe, mas sofre em muitas áreas da vida porque não frequenta a EBD, onde aprenderia melhor a Palavra de Deus e se fortaleceria. Isso apenas confirma o texto de Oseias 4.6: “O meu povo é destruído porque lhe falta o conhecimento”. Todavia, felizmente, milhares de pessoas em todo o mundo são alunos da EBD e possuem experiências positivas relativas a ela.

A EBD foi fundada pelo jornalista e escritor Robert Raikes, em 20 de julho de 1780, na cidade de Gloucester, Inglaterra. Robert observou que o abandono das crianças próximo à igreja era um estímulo à prática do crime, por isso, decidiu começar algo que pudesse sanar esse problema. Robert usava a Bíblia como livro de estudo com os alunos.

Jesus nos dá o exemplo da importância da Escola Bíblica. Em João 2.46, vemos que ele estava assentado no templo, ouvindo e fazendo perguntas para os mestres. Se o próprio Deus, na pessoa do seu Filho Jesus Cristo, reconheceu o valor do ensinamento bíblico e Jesus separou tempo como homem, para aprender, o que nos falta para termos a mesma atitude?

A profa. Gleyds Silva Domingues, no artigo “Ensinar e aprender – duas ações de impacto na vida do ser humano”, enfatiza que a formação do ser humano torna-se a marca essencial do ato educativo.

No artigo “Inclusão educacional cristã – quem são as crianças com altas habilidades superdotação?”, a profa. Diná Freire Cutrim diz que a igreja precisa cada vez mais está ciente de sua missão evangelizadora.

O pr. Matosalém da Rocha Lopes, no artigo “A Escola Bíblica Dominical ainda existe?”, enfatiza que uma igreja para ser forte doutrinariamente tem que estar comprometida com o estudo da Bíblia.

No artigo “Compartilhemos graça e misericórdia”, a profa. Neuralva de Sousa Mota dos Santos diz que doar de graça o que recebemos de graça é o mínimo que o cristão deve fazer.

Nos demais artigos, refletiremos sobre a Bíblia, a Palavra de Deus, além das Sugestões de Livros, do Educador em Destaque, Vale a Pena LER de Novo e muitas novidades e informações que, por certo, serão bênçãos para todos nós, leitores.

ÍNDICE

1	Expediente e editorial A importância da Escola Bíblica Dominical nos dias atuais <i>Jane Esther Monteiro de Souza de Paula Rosa – RJ</i>
2	Índice
3	Resenha Simplesmente cristão <i>Vânia Thomaz Lacerda Costa – MG</i>
4	Educação Geral Ensinar e aprender – duas ações de impacto na vida do ser humano <i>Gleyds Silva Domingues – PR</i>
6	Educação Geral Alunos que avaliam professores – o que os educadores precisam saber <i>Jane Esther Monteiro de Souza de Paula Rosa – RJ</i>
7	Educação Teológica Igrejas com portas para o inferno <i>Jason Silva – USA</i>
9	Educação Cristã Inclusão educacional cristã – quem são as crianças com altas habilidades superdotação? <i>Diná Freire Cutrim – MA</i>
15	Educação Cristã A teologia da criança <i>Tânia de Lima Pereira – RJ</i>
17	Educação Cristã A Escola Bíblica Dominical ainda existe? <i>Matosalém da Rocha Lopes – PE</i>
20	Da Mesa da Redação
21	Educador em Destaque <i>Taciana Oliveira de Araújo Mangueira – SE</i>
22	Para Pensar Compartilhemos graça e misericórdia <i>Neuralva de Sousa Mota dos Santos – RJ</i>
24	Vale a pena LER de novo Des-constituindo a diferença na educação (Parte 2) <i>Mary Rute Gomes Esperandio – PR</i>
31	Sugestão de Livros 1. Título: Descobrimdo e capacitando líderes Autora: <i>Nancy Gonçalves Dusilek</i> 2. Título: Ministério na tempestade – Autor: <i>Truman Herring</i> 3. Título: Cristão.com – Autor: <i>Sylvio Macri</i>
32	Última Palavra Quem precisa de igreja? <i>Irênio Silveira Chaves – RJ</i>

Simplesmente cristão

Resenha



Educação Geral



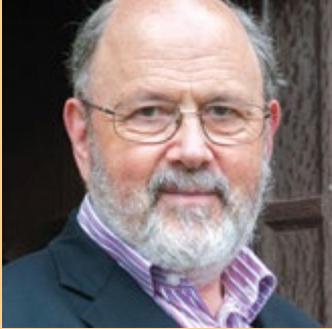
Educação Teológica



Educação Cristã



Última Palavra



N. T. Wright

N.T. Wright é professor de universidades como a de Harvard Divinity School, da Universidade Hebraica de Jerusalém e da Universidade Gregoriana de Roma, e um dos mais conhecidos e respeitados estudiosos do Novo Testamento.

O livro “Simplesmente cristão” é uma das melhores obras da literatura cristã contemporânea. Faz jus ao seu subtítulo “porque o cristianismo faz sentido”, mostrando várias diferenças entre o pensamento agnóstico, deísta e panteísta, expondo claramente por meio de sua argumentação as falhas destas formas de pensamentos humanos, apresentando em contrapartida a filosofia cristã, que preenche por completo o homem.

Apresenta a essência do cristianismo, tanto para recomendá-lo aos de fora como para explicá-lo aos de dentro. É claro que ser cristão no mundo de hoje é qualquer coisa, menos simples. Mas se há um tempo em que é necessário dizer, do modo mais simples possível, o que cada coisa significa, é agora.

Simplesmente cristão

RESUMO

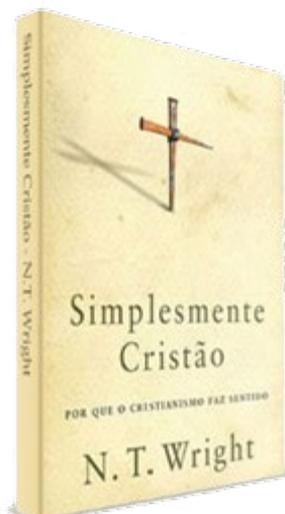
N. T. Wright disserta sobre a história bíblica, trazendo também consigo curiosidades sobre a autenticidade das Escrituras, a leitura é realmente a centralidade de Jesus Cristo, sua divindade e sua vinda como homem há dois mil anos, todo o plano de salvação e como chegar à intimidade com Deus. O interessante desta leitura é que o autor consegue tocar em pontos polêmicos como gênesis sem colocar o leitor em parafuso com teologia e ciência, desta forma ele acaba de trazer outro bom

argumento na hora de discutir ou não este tema com uma pessoa que não possui a fé cristã.

A obra “Simplesmente cristão” chega ao fim com dois últimos capítulos que são uma verdadeira lição para a vida cristã, abordando também a importância da igreja que tanto entra na guilhotina de críticas, de alguns teólogos e pessoas desgozosas da vida em comunidade.

CONCLUSÃO

Posso concluir que o livro ajuda no entendimento de como as pessoas que não são cristãs enxergam o mundo, as formas de chegar pela argumentação no cristianismo. Este livro pode ser considerado um grande manual de evangelismo, sendo sua leitura muito agradável. A dissertação de N. T. Wright é clara e objetiva, realmente o livro surpreende.



Vânia Thomaz Lacerda Costa

Membro da Igreja Batista em Belo Horizonte, MG. Bacharel em História e Sociologia. Pós-graduada em História Contemporânea e mestrado em Sociologia da Educação. Professora da EBD para adolescentes e professora universitária.



Ensinar e aprender

Duas ações de impacto na vida do ser humano

Ao se pensar no processo educativo deve-se ter em mente as perspectivas de ação significadas que se encontram presentes no ato de ensinar e de aprender, uma vez que estas perspectivas tornam-se determinantes para que haja, ou não, a apropriação de novas ideias, sentidos e conhecimentos, visto que as perspectivas são construídas numa visão interacional entre os sujeitos.

As perspectivas podem ser denominadas de visões de mundo, pois em cada visão de mundo está impresso um modo de ver a realidade, a qual é aprendida pelos sujeitos, por meio do ato do ensino. O aprender é o resultado direto do ensino, por

isso, não há como se falar de ensino sem aprendizagem, assim como seu contrário.

O sentido do ensinar, então, pode ser definido pelas marcas que são impressas na vida do sujeito aprendente. Essas marcas podem ser vistas na forma como cada sujeito enxerga, lê e interpreta a realidade social, o que indica que o ato do ensinar não

O APRENDER É O RESULTADO DIRETO DO ENSINO, POR ISSO, NÃO HÁ COMO SE FALAR DE ENSINO SEM APRENDIZAGEM, ASSIM COMO SEU CONTRÁRIO

é neutro, antes vem carregado de códigos, símbolos e linguagens contendo sentidos.

Os códigos, os símbolos e as linguagens não se limitam apenas ao processo da decifração, antes são apresentados e representados com uma carga de valoração atribuída pelos próprios sujeitos em relação. Tanto é assim que um mesmo código, símbolo ou linguagem, pode apresentar vários significados ou sentidos em diferentes situações ou contextos sociais. Isto revela que o que é ensinado e aprendido por um grupo, ou seja, apropriado com um sentido, muitas vezes não é compartilhado por outros grupos, embora se esteja falando de um mesmo objeto.

A FORMAÇÃO DO SER HUMANO TORNA-SE A MARCA ESSENCIAL DO ATO EDUCATIVO

Esta polissemia de sentidos situa-se no âmbito da cultura dos povos, ou seja, no espaço social em que cada um deles está imerso. Um exemplo disto pode ser encontrado no símbolo da cruz que, para alguns, significa vida, para outros, morte. Para outros, ainda, é visto como um amuleto e para outro grupo este símbolo nada significa. O sentido está associado à forma de ver e significar do próprio grupo social. Isso atesta mais uma vez para a existência da diversidade de sentidos.

O ato de ensinar e aprender está inserido num contexto que produz sentidos e esses sentidos fazem parte da história e da identidade dos povos, por causa disto é ele transmitido com uma carga de valor ao longo das gerações, em que são perpetuados e comunicados como se fossem certos, únicos e verdadeiros. Afinal, o pertencer a um grupo social está vinculado aos signi-

ficados que são compartilhados, quer sejam na forma de crenças, valores e tradição.

Não se pode, portanto, pensar o ato do ensinar e do aprender distanciado da realidade, pois é nesta mesma realidade que cada sujeito aprendente experimenta, vivencia, realiza e transforma o fazer social, o qual está consubstanciado de sentidos que foram transmitidos no processo educativo.

Ensinar e aprender são, portanto, duas ações que se comunicam e se relacionam, pois são pensadas e dirigidas com o objetivo da formação do ser humano e por este motivo devem ser levadas em consideração, pois se o ato de ensinar e de aprender é intencional, faz-se necessário compreender as bases sustentadoras que alimentam a sua finalidade, no que diz respeito a esta formação, no contexto em que se está mergulhado, visto que só assim é possível identificar as crenças, os comportamentos, os valores e as tradições que se fazem presentes na formação de uma identidade.

A formação do ser humano torna-se a marca essencial do ato educativo e, por isso, deve

O PERTENCER A UM GRUPO SOCIAL ESTÁ VINCULADO AOS SIGNIFICADOS QUE SÃO COMPARTILHADOS, QUER SEJAM NA FORMA DE CRENÇAS, VALORES E TRADIÇÃO

ser alvo de reflexão, pois o ato de ensinar e de aprender imprime significados que podem ser identificados na maneira como homens e mulheres pensam, agem e sentem a vida em sua plenitude, o que envolve os aspectos físico, social, emocional e espiritual da existência humana.

Para concluir, vale a pena lembrar o que o livro de Provérbios 4.11-13 aconselha com relação ao processo educativo: “No caminho da sabedoria te ensinei e pelas veredas da retidão te fiz andar. Em andando por elas não te embaraçarão os teus passos; se correres, não tropeçarás. Retém a instrução e não a largues; guarda-a porque ela é a tua vida”.

Eis aqui um desafio e uma escolha, a qual poderá impactar as gerações, no que concerne ao processo educativo presente no ato de ensinar e de aprender, do qual eu e você somos responsáveis, que ao meditar nisto possamos fazer a melhor escolha: Ensinar e aprender como uma continuidade da vida.

Gleyds Silva Domingues

Membro da Igreja Batista do Bacacheri, Curitiba, PR. Licenciatura de Educação Religiosa. Pedagoga, mestre em Educação. Membro do Conselho Missionário da Igreja Batista do Bacacheri. Professora das Faculdades Batistas do Paraná, PR.





Alunos que avaliam professores

O que os educadores precisam saber

Avaliar para ensinar melhor. Da análise diária dos alunos surgem maneiras de fazer com que todos aprendam.

Os educadores costumam ter sentimentos contraditórios sobre a avaliação de seus alunos. Afinal, é inevitável que alguns alunos usem a avaliação para “desabafar” em um nível mais pessoal. No entanto, a maioria dos comentários dos alunos pode ser realmente útil, oferecendo aos professores uma chance de autoconsciência e percepção que podem ajudar a melhorar o trabalho.

O feedback também é bom para os alunos, porque os ajuda a se sentir mais envolvidos em sua educação. Os alunos que sentem que suas opiniões são importantes têm muito mais probabilidade de ter uma participação pessoal no processo educacional.

O feedback também fornece aos professores conselhos concretos sobre como tornar o processo educacional mais agradável e eficaz. Os educadores que respondem melhor a seus alu-

nos têm mais chances de oferecer uma experiência educacional de qualidade.

VANTAGENS DOS ALUNOS QUE AVALIAM PROFESSORES

Aqui estão algumas vantagens de permitir que os alunos avaliem seus professores:

- ✓ Os educadores podem identificar os pontos fortes e fracos atuais e trabalhar mais nas áreas que precisam de desenvolvimento;
- ✓ Os alunos podem orientar os professores a fornecer experiências educacionais de que realmente gostem;
- ✓ Os alunos podem destacar os aspectos positivos de um professor, o que pode despertar o entusiasmo do professor;
- ✓ É menos provável que os professores se tornem complacentes em seu trabalho se souberem que serão avaliados regularmente;
- ✓ Os alunos, no processo de avaliação de professores, ofe-

recem uma excelente visão sobre a eficácia atual de um professor “fora do campo”. Quando as avaliações dos alunos são feitas regularmente, a qualidade da experiência educacional certamente melhorará tanto para o professor quanto para os alunos.

Para que a avaliação sirva à aprendizagem é essencial conhecer cada aluno e suas necessidades. Assim, o professor poderá pensar em caminhos para que todos alcancem os objetivos. O importante não é identificar problemas de aprendizagem, mas necessidades.

Jane Esther Monteiro de Souza de Paula Rosa

Membro da Igreja Batista em Porto da Madama, São Gonçalo, RJ. Ministra de Educação Religiosa. Graduada em Pedagogia e Psicologia. Pós-graduada em Relações Humanas, Psicopedagogia e Liderança (APEC). Professora de Teologia e Educação Religiosa. Jornalista empresarial. Radialista. Apresentadora de Programa de TV. Cursos de Mídias Digitais. Mestra em Educação Religiosa e Teologia. Coordenadora Nacional do Ministério Moms In Prayer International/Mães Unidas em Oração Internacional www.momsinprayer.org. Redatora da revista Educador.



Igrejas com portas para o inferno

Jesus prometeu que “as portas do inferno não prevalecerão” contra a sua igreja (Mt 16.18) e esta promessa tem se cumprido por estes dois mil anos de cristianismo. Mesmo a igreja enfrentando perseguições e apostasias, ela está avançando vitoriosamente até a vinda de Jesus Cristo. No entanto, ao olhar para as igrejas locais é de se preocupar que algumas delas se tornaram portas para o inferno, pois estão repletas de membros que não aprenderam corretamente o significado da salvação.

Igreja com portas para o inferno não é aquela que dá ênfase ao show gospel, aos sermões terapêuticos ou a liturgia caça-níqueis. Mas, é aquela que se esquece de ensinar o fundamental, que é a doutrina da salvação e, sendo assim, pode-se também incluir neste grupo igrejas que buscam a ortodoxia eclesíastica, mas que falham no mesmo assunto.

A realidade da existência de membros de igreja não salvos está presente nos sermões e parábolas escatológicas de Jesus. No Evangelho de Mateus, na parábola do joio e do trigo (13.24-30), os falsos profetas (7.15-23) e

o grande julgamento (25.31-46), encontra-se o fator surpresa para alguns crentes, que se consideram salvos, mas no juízo final descobrirão que viveram se enganando e serão lançados no inferno. Esta surpresa não é causada pela escolha divina de uns para salvação e outros não, como algumas correntes afirmam, mas pela falta da aceitação ou do conhecimento completo da mensagem do evangelho.

No livro do profeta Oseias, capítulo 4, o próprio Deus denuncia o desastre da falta de conhecimento do povo santo: “o meu povo está sendo destruído, porque lhe faltou o conhecimento [...] pois o povo que não tem entendimento será transornado” (4.6,14). A falta de conhecimento dos israelitas não era por falta de quem os ensinasse, pois eles tinham os sacerdotes, mas foi a rejeição e o pouco caso com a instrução nos assuntos que mantinham o povo aprovado diante de Deus (4.1). Deste modo, a igreja precisa se dedicar ao ensino da doutrina da salvação, para que seus membros sejam salvos e não surpreendidos com Jesus lhes dizendo: “nunca vos conheci” (Mt 7.23).

O ensino sobre a salvação, em muitos casos, tem se tornado insuficiente por causa da confusão sobre a fé, que é a base desta doutrina bíblica: “porque pela graça sois salvos, por meio da fé” (Ef 2.8). Tanto no Antigo como no Novo Testamento, a fé é o requisito da salvação, como no caso de Abraão, “e creu Abrão no Senhor, e o Senhor imputou-lhe isto como justiça” (Gn 15.6). No Novo Testamento, a salvação passou a ser alcançada pela fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus: “sendo justificados gratuitamente pela sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs como propiciação, pela fé, no seu sangue, para demonstração da sua justiça” (Rm 3.21-26).

A fé também é o ingrediente de mesma importância em outros temas da pregação cristã, como cura, milagre, esperança, solução de problemas e

FÉ NÃO É A CAPACIDADE QUE UMA PESSOA TEM DE MUDAR DEUS, MAS É A MUDANÇA DA PESSOA EM RELAÇÃO A DEUS

vida melhor. Além do mais, a fé não é uma palavra usada só na religião, mas, também, ela está presente na vida secular, como em documentos. Sendo a fé uma palavra de múltiplos usos, ela exige diferentes ações ou reações conforme sua aplicação. Como, por exemplo, uma pessoa enferma cujos médicos esgotaram todas as opções de tratamento, mas ela não perdeu a esperança por causa da fé que Deus pode curá-la. Outro caso é de um chefe de família que decide melhorar sua renda, investindo parte de seu salário e tempo estudando, tendo fé que, ao se graduar, ele alcançará o aumento salarial esperado. Nestes dois casos, eles tiveram fé, mas as ações foram distintas, pois enquanto a pessoa enferma descansou, o chefe de família foi à luta.

Apesar da fé gerar reações distintas, ela não perde a sua natureza que é o de transformar a pessoa. Ao contrário do que muitos entendem e que estão aprendendo nas igrejas, a fé não é a capacidade que uma pessoa tem de mudar Deus, mas é a mudança da pessoa em relação a Ele. Certa vez, acompanhei uma família com um de seus membros gravemente doente, porém, todos criam que chegaria o dia da cura. Eles alimentavam a fé participando de várias igrejas e sendo bombardeados por profetas e profecias. No meio de toda aquela confusão “espiritual”, aproveitei uma oportunidade para esclarecê-los que a morte também era uma opção de Deus. E como eu já previa ao dizer tal verdade, fui descartado e considerado um pastor sem fé. Mas, o final da história você conhece, a pessoa faleceu e os familiares nunca mais voltaram à igreja alguma, pois eles não foram capazes de mudar o favor de Deus.

AS IGREJAS NÃO PODEM FALHAR QUANTO AO ENSINO DA DOCTRINA DA SALVAÇÃO

Hebreus 11 é a galeria dos heróis da fé. Um estudo sobre a fé. O autor inicia com o conceito de fé e depois apresenta os exemplos práticos dela. Abel ofereceu o mais excelente sacrifício, Enoque agradou a Deus, Noé construiu uma arca e Abraão partiu para onde não conhecia. Em todos os exemplos, as pessoas mudaram por causa da fé e não foi Deus que mudou por causa delas. Outro exemplo prático de fé é Ana, a mãe de Samuel, que num ato de fé prometeu seu filho a Deus e quando teve a palavra de bênção do sacerdote, “a mulher se foi o seu caminho, e comeu, e já não era triste o seu semblante” (1Sm 1.18). Deus não mudou em relação à Ana, mas ela mudou em relação a Deus e a si mesma. No entanto, o conceito de fé tem sofrido muitas variações perigosas no meio cristão, e a principal delas é a troca do sujeito que sofre a ação da fé, deixando de ser o homem passando ser Deus. E, assim, a fé salvadora em Jesus Cristo deixa de ser um agente de transformação pessoal para ser uma vaga afirmação: “eu sou salvo, porque recebi Jesus pela fé”.

Sobre a salvação, Langston afirma que “somos salvos para sermos semelhantes a Deus, e não apenas para escaparmos às consequências dos nossos pecados” (Esboço de Teologia Sistemática, p.127). Então, se uma pessoa afirma que tem certeza da salvação pela fé em Jesus significa que sua vida mudou, pois “se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas

já passaram; eis que tudo se fez novo” (2Co 5.17).

Toda mudança na vida do crente se dá pelo agente da fé que é o Espírito Santo que convence “o mundo do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16.8). O ato de convencer não é somente um esclarecimento racional, mas é o desencadeamento de mudanças úteis à salvação, como o reconhecimento dos pecados, o arrependimento, a regeneração, a justificação e a santificação. Assim, uma mensagem evangelística deve ser clara sobre a fé salvadora e não uma fé sem distinção. Eu já ouvi de muitos pastores que, orgulhosamente, afirmam que depois de seus sermões sempre fazem o apelo evangelístico. Não importando o que eles pregam, se foi sobre crise familiar, esperança de cura ou servir mais a igreja, no final eles fazem o apelo para aceitarem a Jesus como seu Salvador. Estes apelos podem atrapalhar mais do que ajudar, pois no momento de decisão pessoal, o convertido pode estar aceitando o benefício pela fé e não o benfeitor.

Lembremos que a mensagem da salvação é estreita como a porta que conduz à vida eterna (Mt 7.13,14) e se alguém tentar ampliar esta mensagem é capaz das pessoas não passarem pela porta. Portanto, as igrejas locais precisam ter convicção que seus membros estão esclarecidos sobre a fé salvadora. Então, ensine periodicamente sobre a salvação, apresente as transformações pela fé em Jesus e faça as portas de sua igreja abrirem-se para a mensagem de vida eterna.

Jason Silva

Membro da Grace Church filiada à Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos da América. Graduado pelo Seminário Teológico Batista de Niterói e Gordon-Conwell Theological Seminary.